

Como Camila Sosa Villada, precisamos tomar a palavra

Nem que isso exija de nós superar a vergonha, enfrentar acusações, como vamos ocupar os nossos lugares?

Por Tatiana Salem Levy

Valor, 04/10/2024

Estou aqui lendo algumas matérias sobre a indignação de Gisèle Pélicot, a francesa que foi drogada pelo marido e estuprada por ele e outros 50 homens, no tribunal que deve condená-los - afinal, não faltam provas do crime. Durante dez anos, ela foi exposta a essa terrível violência, que foi registrada em vídeos que revelam o seu estado físico e o abuso. Mesmo assim, os advogados de defesa insinuaram que ela estava consciente e havia consentido o ato sexual. Mais uma vez, numa repetição do horror que nos assola, a vítima se sente culpada, numa inversão tortuosa de papéis. Imagino que não haja mulher no mundo que leia sobre esse acontecimento e não sinta imediatamente um enorme desânimo.

Sinto que de uns anos para cá temos tomado cada vez mais a palavra, exposto cada vez mais as violências que sofremos, mas também sinto que ainda precisaremos contar nossas histórias por muito tempo até conseguirmos sentir alívio, conforto, segurança. Foram séculos de silenciamento, e a verdade é que a grande maioria dos homens ainda não se habituou à ideia de nos ouvir. Muito menos à ideia de terem seus desejos perversos reprimidos “só” para respeitarem nossos corpos, nossos desejos.

Então me lembrei de um livro que li há pouco tempo, “A viagem inútil: Trans/escrita” (trad. Silvia Massimini Felix, Fósforo), da argentina Camila Sosa Villada, um pequeno ensaio autobiográfico no qual Camila, nascida Cristian Omar, relata sua infância pobre e dura na pequena cidade de La Falda - e nos conta como, em determinado momento, construiu sua subjetividade na escrita.

A partir de memórias da infância, a atriz e escritora estabelece relações entre a vida familiar e a literatura. Ela precisa (se) escrever para se constituir como sujeito, como mulher, para sair do lugar marginalizado onde nasceu - em várias camadas.

“Uma lembrança muito antiga. A primeira coisa que escrevo na vida é meu nome de homem”, assim começa o ensaio. É assim que ela aprende então a se escrever, no seu nome de homem, ainda que seu desejo diga outra coisa, outro nome. Quem lhe ensina a escrever é o pai, com quem Camila mantém uma relação tensa, entre a violência, o álcool e o afeto, transmitido no seu empenho em lhe ensinar a ler e escrever, em lhe

ensinar a amar a literatura. “Me ensinar a escrever é o gesto de amor que meu pai me oferece”, diz ela. Ausente de casa com frequência, homem de duas famílias, o pai de Camila, depois de tanta separação e distância, estabelece um elo com ela através da escrita.

E são essas pequenas coisas, esses pequenos gestos - em realidade, enormes -, que nos marcam e nos formam. Talvez se Camila tivesse aprendido a ler, por exemplo, numa escola autoritária, não teria se tornado a escritora que é. Como escritora, ela olha para trás e localiza no passado os momentos que fizeram dela a mulher trans que escreve. E talvez esse seja um gesto que todos nós fazemos (ou devíamos fazer): voltar os olhos para o passado que nos constitui. É o que nos diz Camila quando escreve: “Nesse instante tenho quatro anos para sempre, sentada no colo dele, inclinada sobre as linhas do caderno, descobrindo o início da escrita”.

Sempre que o pai volta do trabalho ou escapa da sua outra família, ele se dedica a esse gesto de amor. E assim Camila vai preenchendo cadernos e mais cadernos. No entanto, se neste início estão juntos, ao longo da vida vão se afastar cada vez mais. “No fim, sou tudo o que meu pai nunca quis para um filho. Tendo aprendido a ler e escrever, essa lembrança é apagada sob as ruínas deixadas pela violência, pelo alcoolismo, pela indiferença e pela solidão que experimento desde o nascimento até sair de casa, aos dezoito anos”, revela a autora.

Mas o ensaio autobiográfico restabelece, na medida do possível, esse elo perdido, sem, contudo, apagar os vestígios de dor e violência, que, assim como o gesto afetuoso da aprendizagem, também a constituem. Se escrever e se tornar mulher são, de formas diferentes, alvos de preconceito, é se assumindo como mulher que Camila escreve, e vice-versa. Talvez não seja exagero dizer que Camila não existiria se não escrevesse; e que a sua escrita não existiria se Cristian não tivesse se tornado Camila. Um gesto constitui e afirma o outro.

Junto com a aprendizagem da escrita, veio também a aprendizagem da dor. Aos 27 anos de idade, a mãe de Camila foi abandonada pelo pai, num vilarejo no campo, e isso a entristeceu. Foram apenas dois anos nesse isolamento/abandono, mas nesses dois anos ela sentiu “a ferida da vida começando a se abrir, com grande intensidade”. Então, se a escrita surge como afeto entre pai e filho/a, a leitura ganha força como afastamento da realidade violenta. Ela se tranca no quarto para ler e deixar de prestar atenção nas brigas constantes dos pais. “Ali, lendo na minha cama, o mundo é gentil”, diz ela.

A literatura tem esse duplo viés: protege-a, na infância, daquilo ao qual nenhuma criança deveria ser exposta; dá-lhe manancial para, mais tarde, se inscrever e inscrever o seu corpo, no mundo. A literatura lhe dá o

talento para “mentir, inventar, exagerar e esconder”. Com tantos segredos, diz Camila, “era evidente que eu só poderia acabar escrevendo”.

“Escrevo para que uma história seja conhecida. A história do meu travestismo, da minha família, da minha tristeza da infância, de toda essa tristeza prematura que era minha família, o alcoolismo do meu pai, as carências da minha mãe. (...) Escrevo para poder contar as imagens que povoaram a minha infância”, revela a autora. Mas escrever essa história não é fácil, e Camila sabe disso; assim como sabemos que levar a público dez anos de estupro por cinquenta e um homens requer muita coragem. Mas existe outra forma de existirmos, de sermos ouvidas, de mudarmos a sociedade patriarcal se não expondo as nossas histórias? Se não tomarmos a palavra, nem que isso exija de nós superar a vergonha, enfrentar acusações, como vamos ocupar os nossos lugares?

O que acho curioso no livro de Camila Sosa Villada é que, volta e meia, ela diz que não escreve bem. A cada vez que ela diz isso eu penso que ela não escreve usando determinados padrões. A sua escrita é impura, tem algo dessa violência, da pobreza, da infância maltratada, como se ela guardasse na língua as marcas de dor e escassez que chegaram junto com a aprendizagem da escrita. Trans/escrita, diz ela.

Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente
E-mail: tatianalevy@gmail.com